

AUGUSTO TURBILHÃO DE MAGISTRALIDADE

Astenio Cesar Fernandes

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 27

A literatura brasileira inclui o Eu, sacrário de erudição, vivência, criatividade. Obra moderna, sublime estética do poeta Augusto dos Anjos, sobre quem bafejou Lucia Helena: *"Fenômeno prematuro e isolado em seu tempo, Augusto desenvolve um caudal de imagens e visões, arrastadas pelo êxtase de amor e mágoa, e conduzidas por um irresistível fluxo de invenção verbal"*.

Na linha do tempo, sob a óptica de movimentos modernistas, paulista e posteriores, Augusto suscita "pré-modernismo". Afinal, ainda que estilos pertençam ao tempo, ele se fez moderno: rompendo a tradição estilística, ultrapassa e transfigura a linguagem literária exercitando o novo. Esse feito inferiu Ferreira Gullar, *"abandona as alturas olímpicas e as dimensões oníricas, para reencontrar a realidade banal, bruta, antipoética"*.

A partir do título Eu, Augusto sugere desígnios. Como xis da questão, é na singularidade que abriga a esfinge. O caráter secreto, nó górdio a se destrinçar. Qualidade, ou particularidade, perceptível à crítica:

Otto Maria Carpeaux: *"O mais original, o mais independente dos poetas mortos do Brasil"*. Alexei Bueno: *"Como se escrevesse numa língua original"*. Ferreira Gullar: *"Em Augusto, a expressão não aparece como um trabalho objetivo, exterior ao homem, mas quase como uma segregação orgânica"*.

O Eu denota vida completa e crua. Ao revelá-la, o poeta transparece se lhe querer arrancar a própria alma. Em aportes de sombra e luz, destinos díspares são trilhados pelos mesmos fios. Reações ocorrem e a obra se perpetua, renasce a cada edição, a cada leitura. Tal fenômeno, raro, só acontece com obras universais, atemporais. *"Dom Quixote"* e *"O Pequeno Príncipe"*, incessantes fascinam e prosseguem. Decerto, *"As coisas são eternas porque se reproduzem"*, como lembra o artista Francisco Brennand.

Dos dados biográficos de Augusto, importa, sobretudo, a biografia literária. Não deve a hermenêutica desconhecer a vivência e a erudição que se agitam na sensibilidade do gênio criador em momento de ebulição criativa. Ainda que conceda supremacia ao *close reading*, intuído por *Lanson*, praticado por *Richards* e defendido por *Eliot*, que preconiza a autonomia do texto literário livre das supostas relações determinantes da sociedade com o artista e deste com o texto.

Quanto ao teor experiencial, afirmou o imensurável romancista Fiódor Dostoiévski: "Cheguei à irresistível conclusão de que o escritor de *belles lettres*, além da inspiração artística original, deve também conhecer no mínimo detalhe (histórico e atual) a realidade que retrata. Entre nós penso que uma única pessoa se sobressai nesse aspecto - o conde Liev Tostói".

Demonstrando, também, valorizar o processo biográfico-literário, Ferreira Gullar inicia "Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina": na história da literatura brasileira pelo nome de Augusto dos Anjos [...]. Recife, o Engenho Pau D'Arco não são mais apenas Recife e o Engenho. São também um 'lugar do Cosmos', um ponto qualquer do universo e do tempo, onde Augusto, com sua consciência – 'última luz tragicamente acesa na universalidade agonizante' - indaga e sofre o mistério da existência. Jamais, antes dele, na poesia brasileira, essa indagação se fizera em tal nível de urgência existencial e de expressão poética". "No Engenho Pau D'Arco, na Paraíba, nas ruas do Recife e João Pessoa, nos primeiros anos deste século (XX) cismava, sofria, escrevia poemas, um homem jovem, magro e taciturno, que se tornaria conhecido noutra momento do seu magistral trabalho, observa Gullar: "Não obstante, a leitura atenta revela, por traz desses elementos aparentes, *que é na realidade doméstica, familiar e provinciana que a imaginação do poeta encontra o material que transfigura*" (grifo nosso).

Seja como for, a criação literária augustiniana desoculta o que pulsava encoberto. As inquietações e idealizações, os segredos abrigados em recônditos desvãos. Desse modo, Augusto dos Anjos revela-se usufrutuário da experiência - vivência nativa e sonho - instigado por "chamamentos irreprimíveis à vida interior, ancorados no porto solene da palavra e no cais sublime da linguagem".

Atenção ao poema "Tristezas de um quarto-minguante". Entre muitos outros, transparece a fruição do poeta:

Quarto-minguante! E, embora a lua o aclare,

Este Engenho Pau d'Arco é muito triste...

Nos engenhos da várzea não existe

Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado

A lua magra, quando a noite cresce,

Vista, através do vidro azul, parece.

Um paralelepípedo quebrado!

[...]

A alta frialdade me insensibiliza;

O suor me ensopa. Meu tormento é infindo...

Minha família ainda está dormindo

E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças

Do engenho enorme. A luz fulge abundante

E em vez do sepulcral Quarto Minguante

Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Em "O morcego", Augusto dá-se conta do vampiro hematófago - único mamífero voador -, e suscita sua ecolocalização sonar a suprir insuficiente visão escotópica (importante à ambiência da meia-noite), enquanto, ameaçador, o vertebrado se move sobre a rede igual a um olho:

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.

Volume 3 - Número 1 – julho de 2024

Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:

Na bruta ardência orgânica da sede,

Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."

— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho

E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,

Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego

A tocá-lo. Minh'alma se concentra.

Que ventre produziu tão feio parto?!

Quando comemoramos o centésimo quadragésimo aniversário de nascimento do poeta, nós nos apropriamos de sentimentos que caberiam em uma enciclopédia, ousando nestas simples tintas.

Médico, Professor emérito da Universidade Federal da Paraíba; membro efetivo das Academias Paraibanas de Letras e de Medicina.